



13^a REUNIÃO REGIONAL SUDESTE ANPEd

EM DEFESA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA, LAICA E
GRATUITA: POLÍTICAS E RESISTÊNCIAS

2036 - Trabalho Completo - 13a Reunião Científica Regional da ANPEd-Sudeste (2018)
GT 12 - Currículo

AS POLÍTICAS CURRÍCULARES DO PROGRAMA "ESCOLA VIVA": ENTRE AS PRESCRIÇÕES E OS COTIDIANOS (IN)CAPTURÁVEIS

Julio César da Silva de Alvarenga - UNIUBE - Universidade de Uberaba

AS POLÍTICAS CURRÍCULARES DO PROGRAMA "ESCOLA VIVA": ENTRE AS PRESCRIÇÕES E OS COTIDIANOS (IN)CAPTURÁVEIS

RESUMO

Essa pesquisa problematiza as políticas curriculares do Programa "Escola Viva" do Governo do Estado do Espírito Santo implementado na Escola de Ensino Fundamental e Médio "Washington Pinheiro Meirelles", localizada no município de Itapemirim- ES. Indaga-se as prescrições curriculares do Programa "Escola Viva em frente as experiências (LARROSA, 2015) do cotidiano escolar que, bem se sabe, são (in)capturáveis com destaque às experiências de estágio dos alunos da rede estadual visto a relevância desta experiência na vida desta juventude. Assume-se a potência dos *currículos em redes* (FERRAÇO, 2002, 2016) juntamente com a aposta teórico-metodológica nas pesquisas com os cotidianos a partir dos estudos de Alves, Carvalho e Ferrazzo para pensar sobre as políticas de resistências curriculares vividas e praticadas no cotidiano escolar de Itapemirim que impulsionou um olhar outro para as políticas curriculares.

Palavras-Chave: Políticas Curriculares; Cotidiano Escolar; Escola Viva.

AS POLÍTICAS CURRÍCULARES DO PROGRAMA "ESCOLA VIVA": ENTRE AS PRESCRIÇÕES E OS COTIDIANOS (IN)CAPTURÁVEIS

RESUMO

Essa pesquisa problematiza as políticas curriculares do Programa "Escola Viva" do Governo do Estado do Espírito Santo implementado na Escola de Ensino Fundamental e Médio "Washington Pinheiro Meirelles", localizada no município de Itapemirim- ES. Indaga-se as prescrições curriculares do Programa "Escola Viva em frente as experiências (LARROSA, 2015) do cotidiano escolar que, bem se sabe, são (in)capturáveis com destaque às experiências de estágio dos alunos da rede estadual visto a relevância desta experiência na vida desta juventude. Assume-se a potência dos *currículos em redes* (FERRAÇO, 2002, 2016) juntamente com a aposta teórico-metodológica nas pesquisas com os cotidianos a partir dos estudos de Alves, Carvalho e Ferrazzo para pensar sobre as políticas de resistências curriculares vividas e praticadas no cotidiano escolar de Itapemirim que impulsionou um olhar outro para as políticas curriculares.

Palavras-Chave: Políticas Curriculares; Cotidiano Escolar; Escola Viva.

A fim de problematizar as políticas curriculares do programa “Escola Viva” implementado pelo Governo do Estado do Espírito Santo na Escola de Ensino Fundamental e Médio “Washington Pinheiro Meirelles” localizada no município de Itapemirim, indaga-se as prescrições curriculares do programa em frente as experiências vividas e praticadas no cotidiano desse município. Por experiência, entende-se

[...] algo que (nos) acontece e que às vezes treme, ou vibra, algo que nos faz pensar, algo que nos faz sofrer ou gozar, algo que luta pela expressão, e que às vezes, algumas vezes, quando cai em mãos de alguém capaz de dar forma a esse tremor, então, somente então, se converte em canto. E esse canto atravessa o tempo e o espaço. E ressoa em outras experiências e em outros tremores e em outros cantos (LARROSA, 2015, p. 10).

Portanto, pretende-se ressaltar a importância das experiências – o que se passou- passa, o que aconteceu- acontece no cotidiano escolar -, que permeiam as relações de afetos que se entrecruzaram na vida da juventude de Itapemirim. Imersos na realidade efetiva da implementação do Programa “Escola Viva” destaca-se os momentos-ações de resistência. No primeiro momento, busca-se apresentar o Programa “Escola Viva” e o contexto de sua implementação no município e no segundo momento, assume-se a perspectiva do *currículo em redes* (FERRAÇO, 2002; 2016) e aposta-se nas pesquisas com os cotidianos para pensar sobre as políticas curriculares do cotidiano de Itapemirim.

O programa “Escola Viva” implementado no ano de (...) no município de Itapemirim afetou as relações de saberes-fazer da comunidade escolar (FERRAÇO, 2008) acarretando reações de contestação no município. A escola, em sua rede de cotidianidades, viu-se atingida pelo Programa implantado pelo Governo Paulo Hartung, por meio da Secretaria Estadual de Educação, que interferiu arbitrariamente na vivência do cotidiano escolar e na participação de diferentes agentes sociais que contribuíram e ainda contribuem para a melhoria direta ou indireta das condições de vida de indivíduos e populações (CARVALHO, 2009), principalmente, no que concerne as políticas curriculares.

O programa “Escola Viva” prevê uma jornada de tempo integral, de nove horas e trinta minutos, na escola escolhida como cenário desta investigação. A modalidade de ensino implementada sem o diálogo com a comunidade fere o princípio democrático de participação nas questões educacionais e reverberou grande rejeição ao Programa e à política imposta por meio de paralisações, fechamento de avenidas e manifestação em frente à Câmara Municipal de Itapemirim, conforme divulgou o site *Século Diário* (2017)

Os alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio (EEEFM) Washington Pinheiro Meirelles, em Itapemirim, no sul do Estado protestaram nesta segunda-feira (28) contra a implementação de uma nova unidade da Escola Viva na cidade. Com mais de 60 anos de existência, a unidade que acolhe o Escola Viva, além de ensino fundamental e médio, oferecia cursos técnicos. O protesto [...] se deu pela falta de transparência nas tratativas para a implantação do projeto, que ainda não foi confirmado, e pela impossibilidade de diversos alunos em permanecerem na escola depois que foi implementado o tempo integral, em função do trabalho ou estágio.

O Programa “Escola Viva”, oficialmente denominado Programa de Escolas Estaduais de Ensino Médio em Turno Único, foi instituído pela Lei Complementar n.º 799, de 2015, e é meta do Governo Paulo Hartung que esteja implantado em trinta escolas da rede pública no decorrer de 2018. Suas diretrizes objetivam ações de planejamento voltadas à execução e avaliação em torno de conteúdo, método e gestão direcionados à melhoria da oferta e da qualidade do ensino médio na rede pública do estado e foi apresentado com propósitos inovadores pelo governo.

O programa Escola Viva nasceu para ser uma escola de educação integral, com experiências educacionais amplas e profundas. Formar jovens capazes de realizar sonhos, competentes no que fazem e solidários com o mundo em que vivem. É com esses objetivos que o programa Escola Viva foi implantado e está sendo ampliado na rede pública estadual.^[i]

Fruto de uma campanha midiática de alto custo, o Programa foi envolto em forte apelo publicitário no qual foram investidos milhões de reais. As narrativas buscaram legitimar o Programa por meio de uma linguagem simbólica incapazes de refletir os conflitos políticos que estavam por vir. Na propaganda oficial, também chama atenção a defesa do governo sobre a formação de “jovens capazes de realizar sonhos, competentes no que fazem e solidários com o mundo em que vivem”.

Destacamos e estranhamos tal concepção arguindo o sentido, nem um pouco sutil da mensagem, e questionando, inicialmente, se, afinal, as demais escolas que não integram o Programa “Escola Viva” estariam formando alunos “sem vida escolar” e, portanto, incapazes de realizar sonhos e de ter competência em seus fazeres. Entendemos que o discurso institucional autoritário do Programa descredencia as demais escolas estaduais, menospreza os saberes constitutivos das comunidades escolares e ignora as complexidades do espaço escolar em seus contornos pedagógicos e sociais. Em outro momento, a propaganda acenou para o caráter inovador da “Escola Viva”.

[...] O programa Escola Viva possui um conjunto de inovações: acolhimento aos estudantes, às equipes escolares e às famílias; avaliação diagnóstica/nivelamento; disciplinas eletivas; salas temáticas; ênfase prática em laboratórios; tecnologia de gestão educacional; tutoria; aulas de projeto de vida; aulas de práticas e vivências em protagonismo; aula de estudo orientado; e aprofundamento de estudo (preparação acadêmica/mundo do trabalho).^[ii]

Para além do caráter "inovador", prevaleceu a verticalização do currículo (CARVALHO, 2009) com sua atmosfera de imposições e de propostas prontas e hierarquizadas. O Programa fica muito distante, também, do sentido atribuído por Ferraço (2011) à força inventiva da escola e "[...] às tensões vividas na/da sociedade contemporânea e inserida na tessitura social que acena com outras possibilidades de vida para todos aqueles que a frequentam" (p. 11-12).

Os sujeitos da escola são autores e protagonistas de políticas inventivas de currículo e de alternativas às propostas oficiais (FERRAÇO, 2011), mas, como pudemos observar, as ações arbitrárias governamentais moldadas por velhas modalidades autoritárias jogaram por terra o próprio discurso de inovação. Mais que isso, o governo desprezou o diálogo como prática de vida e de processos educativos que enredam e tecem afetividade em relação ao currículo em seus variados contextos, ignorando as diferentes instâncias de produção do conhecimento que se enredam ao currículo escolar e "[...] atravessam o chão da escola, mantendo com ela, direta ou indiretamente, conversações e ações complexas" (CARVALHO, 2009).

Ainda no âmbito das perspectivas curriculares apresentadas pelo site oficial da Secretaria Estadual de Educação, registra-se a predominância de conceitos como *estrutura diferenciada* e o *trabalho de profissionais com dedicação integral*, o que, no entanto, diverge sobremaneira de práticas do currículo praticado em suas compreensões sobre o saber e o fazer educativo como forças integradas e inseparáveis, como defende Carvalho (2009). A nosso ver, os fundamentos curriculares do Programa deixam tais práticas muito distantes dos sentidos da escola, como também são atribuídos por Figueiredo e Schuchter (2014), parafraseando Lopes e Macedo (2011, pp. 161-162):

[...] os conhecimentos em sentido amplo, são tecidos [...] na inter-relação complexa de diferentes contextos. Qualquer acontecimento que se passe na escola, e os eventos curriculares são alguns deles, não é produzido apenas na escola nem fica a ela restrito.

Ele intercepta um enorme contingente de contextos trazidos para a escola pelos diferentes sujeitos que a frequentam e passa a fazer parte dos outros contextos em que esses sujeitos se constituem. Nesse sentido [...] vivemos *dentro fora* das escolas ao mesmo tempo. Em outras palavras [...] não (existe) dentro e fora [...] o currículo é aquilo que é praticado [...] nos espaços tempos em que [...] os sujeitos são constituídos como redes de subjetividades [...].

Entendemos que o espaço escolar é um lócus de produção de conhecimentos em que o ato educativo se constitui no entrelaçar de conhecimentos e experiências. O problema que se coloca, portanto, para nossa reflexão, enreda-se à concretude cognitiva e afetiva da comunidade escolar em suas experiências e realidades epistemológicas que se fundam em cenários muito diferentes do que apregoam o monólogo e as normas prescritivas do Governo Paulo Hartung em relação à "Escola Viva".

Ao deixar os estudantes sem alternativas face à implantação da jornada integral, o Governo Paulo Hartung viu o Programa "Escola Viva" enfrentar contestações no município de Itapemirim, onde centenas de estudantes da escola de Ensino Fundamental e Médio "Washington Pinheiro Meirelles" fizeram protestos e paralisações em agosto de 2017. São alunos e alunas que contribuem, decisivamente, com o orçamento de suas famílias, alternando-se entre a escola e os estágios nos diversos órgãos e secretarias ligados à Prefeitura Municipal de Itapemirim e ao próprio governo do estado, recebendo uma bolsa no valor de aproximadamente R\$565,00 (quinhentos e sessenta e cinco reais).

Nossos caminhos investigativos nos permitiram perceber que a imposição do Programa acarretou prejuízos individuais e coletivos, atingindo estudantes sem condições de conciliar estágio e estudo. Os alunos com quem dialogamos [\[iii\]](#) escolheram como ponto de partida o protagonismo estudantil em defesa da escola e de suas experiências sociais, e nisto, concordamos com Ferraço (2016, p. 234) quando diz acerca da necessidade de "[...] oportunizar a criação de outros mecanismos de protagonismo que tivessem sua força no coletivo e, com isso, viabilizar relações de poder mais horizontais e mais atentas às diferenças".

Desse modo, procuramos capturar cenas subjacentes à vivência individual e concernentes a aspectos cotidianos no sentido de conhecer pistas em relação às prescrições do Programa e às reações que desencadeou. Definimos, como objeto de investigação no diálogo com os estudantes, questões em torno da *percepção sobre o movimento enquanto manifestação, motivação dos protestos e ações em busca de diálogo com representantes do governo*, temas que consideramos inerentes às suas experiências que apontaram expectativas, incertezas e inquietudes que atravessaram os movimentos de protesto. São eles:

Aluna, 16 anos: a maioria ajudava a colocar comida dentro de casa com esse salário! O governo não nos deu alternativas, simplesmente implantou a Escola Viva sem olhar o lado dos alunos.

Aluna, 16 anos: nunca tentaram ouvir nossos problemas e a situação do estágio. Mas não é só o estágio. Por exemplo, alunos que ajudam em casa ou no comércio da família. Uma amiga fazia intensivo de inglês à tarde pensando em fazer intercâmbio. Com nada disso a Escola Viva se preocupou.

Aluno, 18 anos: muitos dependiam de estágios para ajudar a família. Com a Escola Viva fomos obrigados a ir para escolas distantes.

Como pudemos perceber a partir dos depoimentos, tais percepções mostram o Programa como portador de uma

verdade única, a do governo, que engessou o processo de formação, ignorou a realidade concreta dos estudantes e de suas famílias e colocou-se no lugar do dominante, com suas concepções pragmáticas. Outra manifestação presente na argumentação dos estudantes se referiu à tentativa de diálogo com o governo e com a Secretaria de Educação durante a implantação do Programa. Nosso interesse era saber se tinham sido ouvidos:

Aluna, 16 anos: Não. Eles fizeram uma reunião na escola com o conselho de pais e todos foram CONTRA. E mesmo assim foi implantado.

Aluna, 17 anos: Houve, sim, momentos em que fomos ouvidos, porém, não de forma coerente. Era como se as opiniões ali expostas não tivessem importância.

Na rede de afetos e na potência do coletivo observamos, também pelos depoimentos, o protagonismo da comunidade, de professores e de pais de estudantes em sua busca de um canal de interseção com o governo. Em momentos de narrativas expressas na ocupação de lugares de contradição e de ação, vimos que houve respaldo e apoio da comunidade escolar e de moradores da cidade, como nos contou outra aluna de dezessete anos. Tal fato nos leva a afirmar, seguindo Carvalho (2009), que as ações curriculares atravessam diferentes atores sociais localizados em esferas interpenetradas da ação educativa curricular envolvendo diferentes instâncias enredadas ao currículo escolar.

Um dos pontos positivos destacados pelos estudantes foi a realização do movimento enquanto força de mobilização que "incomodou a Secretaria de Educação", segundo considerou uma aluna de dezesseis anos. Conforme observou outra aluna, de mesma idade, o movimento teve muita visibilidade. Entretanto, as conversas mostraram a prevalência de um sentimento de desalento, pois, mesmo tendo recebido apoio, como reconheceram em suas considerações, os estudantes acham que não foram exitosos já que o Programa acabou sendo implantado. Faltou, à política governamental, respeito à comunidade escolar.

Como pudemos ver, o governo preferiu seguir práticas educativas que ignoram os anseios e singularidades dos sujeitos, de seus *saberes/fazer*es por meio de redes coletivas que têm implicado na elaboração de outros discursos em relação à dimensão do conhecimento,

Nossa inserção na realidade nos revelou que, se pudermos conhecer a escola um pouco melhor, aprender fragmentos de como ela realmente é e não de como pensa que ela é, teremos melhores condições de falar sobre suas potencialidades, que tantas críticas injustas e pejorativas têm recebido por parte do Governo. O Governo que se limita a punir é o mesmo que propõe projetos idealizados que visam reforçar suas próprias críticas. Se conhecermos a escola um pouco melhor, também contribuiremos com aqueles que, ao contrário das ações governamentais, se preocupam com os que estão na escola, os quais têm um compromisso sério com melhores perspectivas de vida e escolarização para a população brasileira (FERRAÇO, 2008, p. 112).

Nenhum dos alunos que participou da pesquisa de campo continua frequentando a "Escola Viva", uma questão que, por si só, mostra uma das consequências da falta de diálogo e de alternativas em relação a políticas de currículo e de escolarização no cotidiano escolar. Mais uma vez, registramos a arbitrária implantação do Programa "Escola Viva" por parte do Governo Paulo Hartung é contraditória aos contextos e cotidianidades da escola, como nos aponta Ferraço (2005) ao se referir às relações entre os sujeitos das escolas e diferentes contextos vividos e expressos por meio de crenças, valores, desejos, estéticas, linguagens e projetos de vida.

[...] fomos nos dando conta de que, de fato, quanto ao conhecimento e, por consequência, quanto ao currículo, não se trata de defesa de se buscar resolver as *dificuldades* ou *problemas* de aprendizagem, mas, sobretudo, de *ampliar as possibilidades de conhecimento*, o que significa *ampliar as redes de saberes fazeres existentes* Para nós, aí reside a função social e política da escola (FERRAÇO, 2005, pp. 20-21).

A escola, como argumenta ainda o autor, é um espaço/tempo de produções e enredamentos de saberes onde se produzem alternativas para evitar retrocessos implantados por projetos/programas que não consideram o cerne do espaço escolar em sua rede de relacionamentos criada cotidianamente (FERRAÇO, 2005). Em nosso entender, o Programa é indiferente às Políticas de Currículo e Escolarização (CARVALHO, 2009) e segue um caminho de velhas e conhecidas prescrições oficiais para a escola, mostrando falta de sensibilizações com a comunidade escolar e seus rizomas.

Referências

CARVALHO, Janete M. **Cotidiano Escolar como Comunidade de Afetos**. Petrópolis, RJ: Petrópolis: DP et Alii, 2009

ESCOLA NOVA. Governo do Espírito Santo. Secretaria de Estado da Educação. Disponível em: <<http://www.sedu.es.gov.br/escola-viva>>. Acesso em: 19 nov. 2017.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. Ensaio de uma metodologia efêmera: ou sobre as várias maneiras de se sentir ou inventar o cotidiano escolar. In: ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas**.

Petrópolis: DP *et Alii*, 2008.

_____. **Currículo e educação básica:** por entre redes de conhecimentos, imagens, narrativas, experiências e devires. Rio de Janeiro: Rovellet, 2011.

_____. ... e currículo. In. FERRAÇO (Org.) Curitiba: CRV, 2016.

FIGUEIREDO, Ricardo; SCHUCHTER Terezinha M. Políticas curriculares para o ensino fundamental: entre formas, forças e modos de constituição. In: CARVALHO, Janete Magalhães. **Movimentos curriculares:** um estudo de caso sobre políticas de currículo em ação. Vitória: EDUFES, 2014.

LARROSA, Jorge. **Tremores:** escritos sobre a experiência. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

SÉCULO DIÁRIO. **Alunos de Itapemirim protestam contra implantação de Escola Viva no município** Disponível em: <<http://seculodiario.com.br/35509/16/alunos-de-itapemirim-protestam-contra-implantacao-de-escola-viva-em-unidade-do-municipio>>. Acesso em: 13 jan. 2018.

[i] Disponível em: <<http://www.sedu.es.gov.br/escola-viva>>. Acesso em: 25 out. 2017.

[ii] Disponível em: <<http://www.sedu.es.gov.br/escola-viva>>. Acesso em: 25 out. 2017.

[iii] Recorremos ao uso de questionários e optamos por não divulgar o nome dos estudantes.